

Clones, Facebook e os perigos da tecnologia

Eva Paulino Bueno*

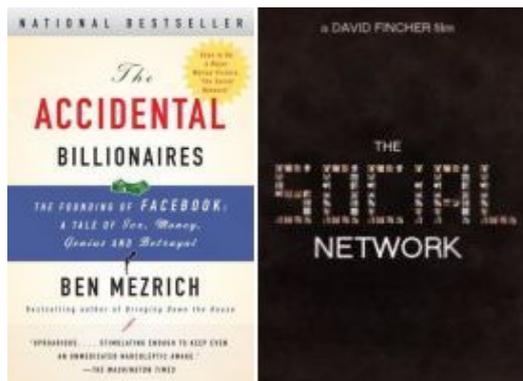
Resumo: Esta discussão coloca lado a lado dois filmes, ambos originários de romances. Em um filme, “A rede social”, se conta a história do começo do Facebook. No outro, “Nunca me deixe partir,” somos colocados num mundo estranhamente conhecido e ao mesmo tempo desconhecido, em que as pessoas são clones de outras, e vivem sua vida somente para servir ao “original.” Colocamos os dois filmes lado a lado para compará-los e fazer uma crítica dos perigos do Facebook e também da internet, enquanto ao mesmo tempo apontamos seus pontos positivos.

Palavras-chave: Facebook, clones, internet, arrogância, possibilidades.



* **EVA PAULINO BUENO** é professora de Espanhol e Português na St. Mary's University, em San Antonio, Texas. É autora de vários livros e artigos sobre literatura brasileira, cultura popular, e estudos da mulher. Seu livro mais recente é uma enciclopédia, *Latin American Women Writers, An Encyclopedia* (Routledge).

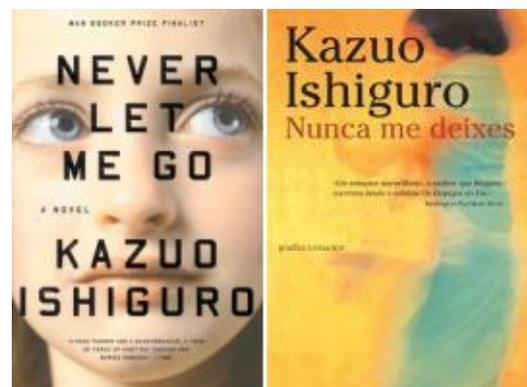
Nesta época do ano, depois do verão, aqui nos Estados Unidos se lançam os filmes considerados sérios, que mais tarde serão nomeados para o “Oscar.” Dois destes filmes mais recentes chamam a atenção por alguns aspectos que têm em comum. Um destes aspectos é a discussão do uso de seres humanos como “skins” (peles) para a obtenção de benefícios de terceiros.



Os filmes são, primeiro, *The Social Network* (*A rede social*), uma versão cinematográfica do livro *The Accidental Billionaires; The Founding of Facebook. A Tale of Sex, Money, Genius and Betrayal* (*Os bilionários acidentais; A fundação de Facebook. Um conto de sexo, dinheiro, gênio e traição*), de Ben Mezrich, que conta uma parte da vida de Mark Zuckerberg, o criador de Facebook. O segundo filme é *Never Let Me Go* (*Nunca me deixe partir*), que também é uma versão cinematográfica do livro do mesmo nome, de autoria de Kazuo Ishiguro, e o roteiro é de Alex Garland.¹

No primeiro filme, o processo de criação do Facebook nos mostra a cultura da universidade de Harvard, onde os estudantes – teoricamente os melhores escolhidos do país – vivem

uma vida fermentando de idéias e planos, e mais sexo, drogas, intrigas, mesquinhas, traições, roubos de idéias. Neste ambiente se encontra Mark Zuckerberg, que obviamente é extremamente inteligente em coisas relacionadas com a ciência da computação, mas extremamente incapaz de se relacionar socialmente, seja com uma moça em quem está interessado, ou mesmo com os dois rapazes (obviamente ricos) que o procuram para que ele dê continuidade a uma “peça” virtual que tinha pregado nas moças da universidade, ou mesmo com autoridades escolares e legais com quem ele se envolve. A falta de habilidade humana deste personagem se evidencia em muitas sequências, e de fato se chega à conclusão que a criação de uma “rede social” virtual é a melhor solução para uma pessoa como ele. A relação com amigos virtuais é realmente mais fácil que com amigos de carne e osso.



O filme *Nunca me deixe partir*, por sua vez, nos coloca em um mundo estranhamente conhecido e completamente estranho. Num ambiente de escola-pensionato inglês, vemos crianças, meninos e meninas, brincando, assistindo a aulas e palestras dadas pelas professoras da escola. Mas estas crianças jamais saem da escola e são obedientes em tudo: em seus pulsos eles trazem um aparelho que marca suas entradas e saídas dos prédios. Apesar

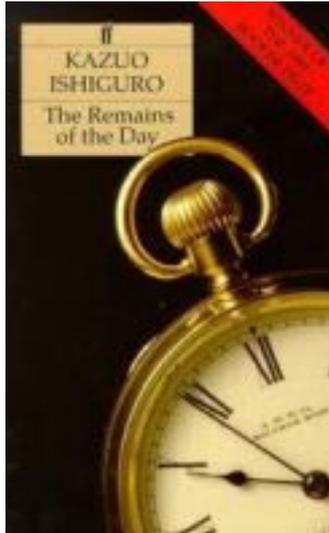
¹ Outra coisa que os dois filmes têm em comum é o ator britânico Andrew Garfield, que é o Tommy adulto em “Nuca me deixe partir,” e o Eduardo Saverin em “A rede social”.

disto, as crianças são normais, se apaixonam quando chegam à adolescência, têm pequenas intrigas e ficam loucamente felizes quando chega uma pessoa com presentes que eles podem comprar com as fichas conseguidas por bom comportamento.

É muita coincidência que ambos os filmes tenham sido lançados praticamente ao mesmo tempo, e em nossa época. O filme *Nunca me deixe partir* participa de uma corrente distópica que tem sido muito fértil no cinema, e podemos citar como exemplos desde a série futurística como *Planeta dos macacos*, dos anos setenta, ou a série *Alien* dos anos oitenta e noventa, a outros como *O show Truman*, a *Blade Runner*, *Eu, robô*, *1984*, *Inteligência artificial*, etc. Em *Nunca me deixe partir*, também vemos que o nosso mundo conhecido pode ter armadilhas e perigos que não suspeitamos no início do filme. No entanto, em *Nunca me deixe partir*, o pesadelo tem raízes profundas na nossa realidade diária, e se tem a impressão de que a história continua quando saímos do cinema.

2

Quem hoje em dia não tem uma conta de Facebook? Praticamente todas as pessoas que têm acesso a um computador têm uma destas contas. E nem sempre sabemos como fomos parar em Facebook. Para alguns, é um convite de um amigo ou amiga. Para outros, é uma mensagem que diz que alguém que conhecemos tem um espaço de Facebook. De um momento para outro, estamos lá, lendo coisas relevantes e irrelevantes da vida alheia, quando as pessoas se dão ao trabalho de colocar as



“notícias”. Como disse a comediante Betty White há uns tempos atrás: “Que enorme perda de tempo!”

3.

Outro livro de Kazuo Ishiguro que foi adaptado em filme é *Remains of the Day* (*Restos do dia*). Embora à primeira vista pareça que este filme não tem nada a ver com *Never Let me Go* (*Nunca me deixe partir*), na realidade eles estão profundamente conectados, e,

como é comum acontecer, os livros revelam muito da vida e da experiência pessoal do autor. Nascido no Japão em 1954, Ishiguro vive na Inglaterra desde 1960 e é atualmente considerado um dos mais influentes escritores em língua inglesa dos últimos 50 anos.

Nos dois livros, Ishiguro nos pinta o retrato de uma sociedade em que as classes não são fluidas e em que a obediência e a aceitação são a norma. Uma vez nascido em uma, se permanece nela. De certa forma, os dois espelham tanto o Japão como a Inglaterra que, embora tenham apresentado mudanças superficiais, ainda continuam países com estruturas sociais bastante rígidas. Em *Remains of the Day*, os empregados jamais sonhariam em se misturar com a classe dos aristocratas, os quais vivem em um universo separado. Os empregados também jamais pensariam em se rebelar contra os seus “senhores”. Eles existem para servir. Suas pequenas histórias, suas pequenas grandezas e pequenezes, vivem sob o “radar”. Em *Nunca me deixe partir*, o autor toma o que entendemos como avanço tecnológico – a capacidade de produzir clones, cópias – a um desfecho horrorizante. As crianças que vemos no início do filme foram “produzidas” para servirem de

peças de reposição para os seus originais. São mais do que escravos. São sombras humanas. Não têm condição de ter uma vida deles mesmos, independentes. O que horroriza, no filme, é que tudo é mostrado de maneira “normal”. A maioria das personagens que conhecemos, e cuja vida seguimos desde a infância, se entrega sem luta, sem revolta, ao seu destino e fazem as “doações” de órgãos. Somente dois casais tentam escapar do seu destino.

4.



Facebook: Mark Zuckerberg. Photograph: Craig Ruttle/AP

No filme *The Social Network*, vemos como o personagem Mark Zuckerberg inventa o primeiro protótipo de Facebook para se vingar de uma moça que não quer sair com ele. A função desta invenção é humilhar as estudantes de Harvard e de uma universidade associada, convidando os rapazes das universidades a “votar” nas moças de acordo com seus atributos.

Desta primeira tentativa, nasce outra depois que Mark é contactado por dois irmãos gêmeos ricos, e seu colega, que têm uma idéia que levaria o projeto adiante. Mark se aproveita da idéia, consegue dinheiro de seu único amigo e praticamente deixa a escola para desenvolver o que hoje em dia conhecemos como Facebook. No meio do caminho, encontra-se com o criador de Napster, muda-se para a Califórnia, e praticamente trai a todas as pessoas, inclusive seu melhor amigo que lhe

havia dado dinheiro para começar a companhia.

Nas cenas de alguns dos litígios em que esteve metido, se vê um Mark Zuckerberg arrogante, completamente satisfeito consigo mesmo, desprezando tudo e todos, porque ele é, na sua auto-avaliação, um gênio. Uma das cenas mais contundentes acontece quando ele e seu ex-amigo, Eduardo Saverin, se falam na sala de audiências. Eduardo o olha e diz, “Eu era seu único amigo”. De fato, sem o apoio financeiro e psicológico de Saverin, Mark Zuckerberg não teria conseguido criar o que criou. Agora, o que ambos têm em comum é o seu desejo de “ascender” a outra classe (a dos gêmeos Cameron e Tyler Winklevoss), ou a de um clube seletivo dentro de Harvard (que exige que Saverin tenha com ele uma galinha todo o tempo, como parte do processo de admissão).² Mas Zuckerberg, de acordo com o filme (e com os depoimentos dos envolvidos na história), realmente usou todos os que passaram pelo seu caminho até conseguir o que queria. O filme sugere que ele até denunciou seu amigo e mentor mais recente, Shawn Fanning, o criador da Napster, à polícia, numa ocasião em que ele estava promovendo uma orgia movida a drogas, porque não estava de acordo com a maneira que Fanning tinha tratado seu ex-amigo e sócio Saverin.

5

É relativamente fácil ver-se como nestes dois filmes existem duas “entidades” vorazes. Assim que a criação de Zuckerberg – o Facebook – tomou

² Alguém falou em hidra aí? Esta coisa não acaba nunca. Veja a “criação” de um grupo de cartunistas de Taiwan, sobre os dois irmãos gêmeos em <http://blog.greenwichtime.com/realtime/2010/10/01/greenwicks-facebook-twins-in-taiwanese-animation/>

corpo, se transformou num fenômeno mundial, que rende bilhões de dólares para seus criadores, e atrai mais e mais pessoas a cada dia. Como tanto dinheiro pode ser adquirido de uma aplicação que parece que só queria conectar as pessoas? Simplesmente pela venda de comerciais na página, e por outros meios representados por aquelas aplicações que, uma vez que você se conecta no Facebook, começam a perseguir você. Seus amigos estão jogando este jogo! Sua amiga fulana de tal disse isto ou aquilo na parede dela! O aniversário de fulano e beltrano é amanhã! Seu conhecido Sicrano ainda não é parte do Facebook: convide-o! Uma vez dentro de Facebook, parece que as maneiras de mandar você dentro daquela realidade se multiplicam.

O Facebook, assim como os “originais” de *Nunca me deixe partir*, precisam das nossas “doações”. Por enquanto, para nós que por princípio nunca compramos nada na rede, a doação é só do nosso tempo quando ficamos lendo as fofocas dos amigos e conhecidos, vendo fotos que na verdade, na maioria das vezes não nos interessa. Mas, de uma maneira subliminar, também estamos doando parte do nosso cérebro, gratuitamente, cada vez que nos expomos às propagandas insidiosas que aparecem na página.

6

Por que os clones de *Never let me go* não se rebelam? Como é possível que um ser humano possa permitir que outro decida se ele/ela tem alma ou não? Os escravos africanos, privados de sua língua, de sua comunidade, de sua religião, se rebelaram durante séculos. Como é possível – a gente pode se ver indagando durante o filme – que aquelas pessoas se submetam a ter seus órgãos retirados para serem usados por um ser

supostamente superior, do qual eles vêm?



Logicamente, o filme de Ishiguro e o livro nos propõem questões filosóficas, morais e religiosas. Mas e *A rede social*, não propõe questões similares? De fato, esta poderia ser uma possibilidade. Mas também é possível ver-se como, no caso do Facebook, a força humana ainda pode influir e modificar o que nos é quase imposto pela tecnologia. No caso do Facebook, por exemplo, muitos estão usando este meio para fazer o bem. Recentemente, nos Estados Unidos, o sequestrador de uma menina foi apanhado depois de pouco tempo, porque uma descrição do seu carro foi colocada na rede, um dos milhares de usuários leu a descrição, viu o carro com o homem e a menina, e conseguiu forçá-lo a parar. A vida da menina foi salva e o criminoso foi preso. Existem também professores que estão usando o Facebook para suas aulas, numa maneira de aumentar o alcance do que estão ensinando.³ Também não podemos deixar de dar valor ao fato de podermos encontrar amigos que não vemos há muitos anos, “conversar” com eles, saber de suas vidas, oferecer e

³ Tudo isto está sujeito a contratempos, especialmente quando existem outros “gênios” que conseguem descobrir as contra-senhas e invadir os espaços de pessoas que não estão devidamente protegidas. Uma vez que uma senha é decifrada, potencialmente a vida inteira da vítima está à mercê do criminoso que a decifrou.

receber uma palavra de carinho e amizade.

Alguém pode protestar e dizer que os computadores, a internet e o Facebook são o brinquedo dos mais ricos, e que não influenciam na vida dos demais. Mas, assim como o avião um dia era prerrogativa só de algumas classes sociais, e hoje em dia beneficia a muito mais gente, também estes avanços tecnológicos podem vir a beneficiar a mais gente.

Mas, como nos avisa Ishiguro, devemos seguir com cautela. O uso e a aceitação cega do que parece ser um avanço tecnológico pode nos deixar numa situação parecida à dos personagens de *Nunca me deixe partir*. Ironicamente, poderíamos chegar à conclusão de que o

que falta aos personagens do romance de Ishiguro é exatamente uma força como o Facebook, que daria aos clones um sentido de quantos eram e de como poderiam se organizar para escapar a caixa cerrada em que se encontravam. A força da palavra, e a energia que vem de escutá-la, comparti-la, discuti-la e compreendê-la ainda é a mais poderosa do mundo, com ou sem Facebook.

Referências

ISHIGURO, Kazuo. *Never Let me Go*. New York: Vintage International, 2006.

MEZRICH, Ben. *The Accidental Billionaires; The Founding of Facebook. A Tale of Sex, Money, Genius and Betrayal*. New York: Random House, 2009.